

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº153 - JULHO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME X

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

153



FLÁVIO DUTKA

ADOLESCÊNCIA E O USA DA LINGUAGEM QUE DIVIDE GERAÇÕES

Maria do Socorro Lustosa Bezerra



Filho meu, não te esqueças do meu ensino, e o teu coração guarde os meus mandamentos, pois eles aumentarão os teus dias, e te acrescentarão anos de vida e prosperidade. Não te deixem o amor e a fidelidade; ata-os ao teu pescoço, e escreve-os na tábua do teu coração. Então acharás graça e bom nome aos olhos de Deus e dos homens. (Prov 3:1-4)

Estamos sempre em busca da verdade¹ das coisas e dos fatos. Para isso, baseamo-nos no passado – naquilo que um dia foi verdade para alguns; ou no futuro - isso se realizará como verdade?

Através da linguagem também buscamos essa verdade. Buscamos a verdade dos significados. Mas, entre outros, além de coisas e fatos, num mundo de interesses diversos, como identificar a verdade? Para quem é verdade? Em que circunstâncias é verdade? A verdade da linguagem vista como sendo representada pela palavra em si, pelas construções *feitas*? Ou como produto sócio-cultural e como forma de uma interação social realizada por meio de enunciações? O objetivo aqui não é a busca da verdade da linguagem por meio do conflito de gerações, é uma análise, embora preliminar, das enunciações, construções e adoções lingüísticas dos adolescentes, influenciadas, entre outros componentes, pelas músicas atuais. Buscamos, igualmente, uma associação com traços semânticos sócio-culturais pertinentes, com o desejo de entender e fazer outras leituras dessa linguagem, levando em consideração, principalmente, a análise do significado e suas implicações sob a ótica da Semântica cognitiva. É também, e principalmente, analisar os tipos de mecanismos que subjazem à fala do adolescente. Pois, para Bakhtin: "*A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.*"(Bakhtin, 1990. p. 123)

O enunciado, por si só, não tem todas as condições necessárias e suficientes para determinar uma interpretação *única* e *real*. A língua dispõe de variados recursos expressivos, e só fazendo a associação desses diversos acordos sociais – contexto e cenário - pode-se esclarecer ou determinar um dado enunciado. Ou, mais claramente falando, ser parte constitutiva de um cenário, um cenário na concepção ferrareziana, o qual considera, valoriza e evidencia todas as situações de turno de fala para determinar o significado de dada construção, principalmente, a relação entre pensamento, língua e cultura: O pensamento humano, a cultura e as línguas naturais possuem um sistema de interinfluência. Construir a cultura é fundamentalmente construir significados.

Como “adolescente” não constitui um grupo muito homogêneo, as análises feitas aqui se referem àqueles de classe média-baixa e média que têm tempo para “preencher o tempo” vendo TV e ouvindo música. Provavelmente, o adolescente cortador de cana-de-açúcar do interior de São Paulo, o adolescente colhedor de algodão do norte do Paraná, o adolescente carvoeiro do interior da Bahia, o adolescente pescador do interior da Amazônia e o adolescente boiadeiro dos pampas gaúchos não têm tempo para este tipo de *atividade*, assim como o adolescente de outras épocas também não tinham esse tempo, ou, não tinham diante de si circunstâncias assim propícias.

Analisando casos

"E esta música que você está dançando? É de sua autoria? Ou é um Outro que toca, e você dança? Quem é este Outro? Lembre-se do que disse o poeta "Sou o intervalo entre o meu desejo e aquilo que os desejos dos outros fizeram de mim." Mas, se você é isto, o intervalo, você já morreu... Acorde! Ressuscite!"(Rubem Alves, 1995. p.221)

A música sempre foi uma grande companheira – de forma muito marcada, daqueles que passam por momentos emocionais instáveis -, desde que a humanidade existe. As danças camponesas não combinavam com os salões de nobreza. Eram manifestações daquele grupo, que vivia ao ar livre, festejava as estações, a colheita, a semeadura. Nos salões havia outra música, que combinava mais com as relações que aquelas pessoas mantinham, com normas de convivência mais contidas, mais estudadas, menos espontâneas. Seja qual for o tipo de estrutura social, porém, sempre ali haverá música, seja ela ritualística ou não. E hoje, a música traduz a rapidez das mudanças, a energia necessária para se viver as diferentes situações. A necessidade de falar alto para ser ouvido. Essa música hodierna parece ajudar o jovem a sair do anonimato e ser notado. Pela influência da música, por exemplo, em curtos espaços de tempo surgem novos termos em nossa linguagem que, efetivamente, adquirem vida própria; são ampliados os seus campos de significação e super-utilizados. Assim, esses termos passam a ser indicadores convenientes de novas significações e têm explicações prontas para situações que parecem semelhantes, ou seja, tornam-se “outros” com relação ao seu contexto original – se é que se pode saber exatamente qual é o contexto original de um termo ou construção.

Parece que ficam mais evidentes essas manifestações pela influência das músicas ouvidas, cantadas e dançadas pelos adolescentes, pois, como qualquer manifestação artística, a música é uma linguagem, uma forma de descrever o que acontece à nossa volta. Num mundo onde tudo sucede com muita rapidez, onde o que existia ontem, hoje já não existe, num mundo onde o que era moda ontem, hoje é *brega*, onde as relações estão durando pouco e são descartáveis, onde as opiniões têm que ser repensadas e refeitas a todo momento, num mundo assim, a música só poderia ser reflexo dessa rapidez, *um grito de alerta*. É de se perguntar por que há milhares de jovens no mundo todo cujo ídolo é um cantor de rock que atira cadeiras da janela de um hotel, tira

¹ Teoricamente, *verdade* pode ser definido como “a expressão não contraditória das propriedades de um referente” (Ferrarezi, 2000). Entretanto, essa não é, definitivamente a concepção popular de verdade. É nessa concepção do imaginário popular, especialmente dos adolescentes que buscam os “esteios da verdade” para construir suas vidas que nos baseamos aqui.

as calças e mostra o traseiro em público. Ele agride indiscriminadamente e os jovens se identificam. Quem eles querem agredir? Com que aspecto desses cantores os jovens se identificam?

Nesse processo de mudanças - dentre as quais, as mudanças na linguagem - é criativo o papel do adolescente; pois, ou ele cria uma palavra nova, ou usa uma palavra familiar com uma nova referência; surgem novos significados entre nomes e coisas. O vocabulário em constante mutação da gíria do adolescente ilustra a originalidade lingüística de cada geração.

Veja-se, por exemplo, essa frase ouvida em sala de aula: "**O velho apelou comigo!**" (*velho*, usado em substituição a *pai*). Para ele, aqui, não convém usar a palavra pai, pois ele quer se referir a alguém de outro tempo, *antigo, quadrado, ultrapassado*, que brigou – substituído por *apelou* – ou irritou-se com ele (apelou é mais do que irritou-se, é algo como "agiu de forma que eu não pude contradizer/contrariar). O que parece estar em jogo na significação do enunciado não é falar sobre o pai, mas sobre a ação do pai, e aí este adolescente se dá o direito lingüístico de substituir os termos sem considerar a agressividade da substituição à pessoa do pai (a agressividade na concepção do adulto – desrespeito, desobediência, fuga às regras estabelecidas socialmente, a construção dos valores elaborados pela família...). E para ilustrar essa agressividade, vejamos um exemplo com esse tipo de música:

"Conheci uma garota que era uma louca
Desde pequenininha com o dedo na boca
Depois ficou adulta só queria ser rica
Fez vestibular pra puta, hoje é doutora em pica
Ela mordida, era bom, mas me dava dor
Passava o dente na cabecinha que era um horror
Podi crê, eu sei, você é bonita e tem sempre razão

(...)
O que faz seu corpo tremer danada
Chega de diz-que-me-diz que agora que eu sou o juiz
E você é minha escrava e fica tão linda quando faz cara de brava
Mas sossega, nessa lei não tem regra, é lá no esfrega, é só relax
Vou te namorar sem complexo e lhe aplicar um suplex.
Vou colar que nem durex, veja bem. "(Raimundos)

Quanto a essa agressividade, abordarei sob três aspectos da língua: o léxico, a gramática, a semântica. a) O léxico - mudanças no referente original, ou, mudanças de significados anteriores - chocam a concepção do adulto, porque o novo referente assume posturas não conhecidas, não concebidas e, conseqüentemente, não aceitas: **Fez vestibular pra puta, hoje é doutora em pica**. As palavras *vestibular* e *doutora*, neste contexto, já não têm mais a significação original: *vestibular* – que seria *concurso classificatório para ingressar numa universidade*, lugar onde se adquire conhecimentos científicos para seguir uma carreira profissional, passa a ser indicador de *pessoa que tem prática constante do ato sexual*, muitos (homens) já verificaram, por exemplo, e aprovam como sendo eficiente para tal *atividade*, e *doutora* – que tem, em princípio, a significação de *aquele(a) que conseguiu título de alto grau científico, pessoa com autoridade em determinado assunto*, assume a significação de *pessoa que se tornou experiente em praticar sexo*. Parece que, a princípio, a significação não muda tanto, mas, a que tipo de atividade foi atribuída essa significação.

b) A gramática normativa – a sintaxe, a pontuação, a concordância etc., é difícil aceitar do ponto de vista normativo; tudo necessita de uma organização para que se tenha um padrão a ser seguido, começando por aí, é preciso admitir que o ser humano é parte de um grupo social, e grupo social se

organiza com base em leis e regras a serem seguidas, a língua não fica de fora: **eu, mais meus amigos, vamos de pé, Podi crê, vamo lá que você vai ver.** Assim, ao adotar uma outra “norma” de conduta lingüística que foge às regras da gramática tida como corretinha, o letrista da canção deixa transparecer seu desprezo por tudo aquilo que se chama *ordem* e *correção*. Isso faz parte das agressões premeditadas ou é simplesmente resultado de um conjunto já definido de padrões de comportamento? Esta é uma pergunta que ainda não podemos responder. E, por fim,

c) A semântica – uma carga cultural de significação nova e inusitada, à qual está relacionada também a capacidade de unir traços pertinentes para a construção de significados relevantes e satisfatórios. Entre esses traços relevantes, os quais compõem qualquer linguagem que se pretenda a ser entendida, estão as novas formas de se vestir, de andar, os gestos, os ritmos..., adotados como *aquilo* que caracteriza ser um adolescente moderno. Ou, simplesmente *adolescente* – designação que eles já parecem aceitar com orgulho. E a marca registrada dessas músicas, segundo os que consideram como boa cultura somente o que foi usado *um dia* e por *outras gerações*, é a agressividade. Agressividade em vários níveis (as letras, o ritmo, a prosódia, o estilo ...). Para certos adultos, não há a *sabedoria*, a *cultura*, o *conhecimento* (pelo menos não o que conta, o *clássico*) naquilo que os adolescentes ouvem, cantam e adotam para si como um modelo de verdade.

"Se você lê direito a letra dessas músicas, vai ver que eles falam muita besteira, mas o que eles falam é sério. Não é só coisa agressiva." (P.D.: 13), quando pedi que me ajudasse a encontrar uma música que tivesse uma linguagem agressiva. Percebi um tom de irritação quando pronunciei a palavra *agressiva*, por isso ela adota a palavra *sério* como resposta à minha posição de agressividade como adulta. Como se dissesse que é besteira para os adultos, mas eles sabem o que dizem e o que querem. Neste caso (da agressividade do meu ponto de vista – aquela em que os pais se sentem magoados, feridos em seus princípios e construções de valores familiares e etc.), a adolescente se identifica com o discurso de outrem, porque este satisfaz aos seus desejos – creio que levando em conta traços culturais de identificação - e revela os seus (quando se posiciona com relação ao que o autor diz) porque tem uma representação própria, se assume como sujeito de suas atitudes e também se considera parte de um grupo com cujos traços culturais se identificam; uma postura diante do mundo e das circunstâncias muito especiais. É uma espécie de comportamento que se apresenta sob três olhares: um interno, as construções individuais; um intermediário, a harmonia entre os elementos de um conjunto conceitual; e um externo, que procura evidenciar as ligações das construções sociais e históricas no qual está inserido o sujeito individual.

Possivelmente, o texto abaixo, de uma adolescente (E. S.:15), numa atividade escrita sobre as músicas atuais, permita analisar este aspecto: "*O Gabriel o Pensador; fala sobre a verdadeira cara do país, e sem a máscara colocada por outros compositores...*"

E outra coisa o som tem que ser bem alto, se não eu prefiro desligar. ..., meus pais dizem que eu um dia vou ficar surda por eu escutar o som no máximo e às vezes com fones de ouvidos.... eu os acho super-doze e os adoro, eu acho todo esse tipo um pouco parecido com a minha realidade mental e psicológica as vezes.

Ela está é por fora de mim , ela fala que eu fiquei rebelde só porque eu furei mais dois furos na orelha, pra ela eu me rebelei.

Isso tudo é só por causa das músicas mas eu nem esquento a cabeça. E eu gosto desses estilos é por causa.. Bom por que sim!"

A adolescente, aqui, se permite ser analisada sob aqueles três olhares citados anteriormente. O primeiro, pode ser percebido no trecho "Isso tudo é só por causa das músicas, mas eu nem esquento a cabeça. E eu gosto desse estilo é por causa... bom por que sim!", - a adolescente assume um gosto sem ter que explicar, digamos, sem ter que argumentar o porquê de gostar desse estilo, prevalece no trecho a **consciência-eu** do sujeito – faço minhas as palavras do outro, as minhas representações me são suficientes no pensamento, não precisam ser transformadas em palavras. Até porque, é bem provável que a função de atribuir razões às coisas seja associada ao comportamento adulto padrão que é combatido. O segundo, "Ela está é por fora de mim, ela fala que eu fiquei rebelde só porque eu furei mais dois furos na orelha, pra ela eu me rebelei." - de certa forma uma preocupação com o que pensa o outro de si (esse *ela* é a mãe), mesmo tendo assumido anteriormente a postura de um *somente eu*, nesse trecho, há a preocupação de fazer uma relação eu-outro. É importante e necessário, se eu me assumo no meu gosto, também é bom saber como esse outro me percebe. E o terceiro, "...eu os acho super-doze e os adoro, eu acho todo esse tipo um pouco parecido com a minha realidade mental e psicológica, às vezes", a aceitação do papel social que desempenha, pois de forma (in)consciente sabe que esses papéis são indispensáveis para os organismos vivos, entendendo como as leis que regem essas organizações precisam ser seguidas/obedecidas para que haja perpetuação nos conceitos construídos. Penso que um deles seja mais forte ou mais evidenciado, em dada circunstância, manifestando-se com maior ou menor intensidade em cada indivíduo. No caso da adolescente E.S. parece mais evidenciado o terceiro aspecto, aceitando o comportamento *adolescente-típico*, aquele que já foi determinado pelos adultos: característica fundamental – rebeldia! Seriam as representações consolidadas, se conservando e se transmitindo através da atividade verbal. Ainda posso perceber isso no texto de outra adolescente (P.L.:14) falando sobre a influência dos meios de comunicação, inclusive da música: "Será que seremos obrigados a ver ou ouvir alguma coisa que não gostamos? Iremos ficar parados com os braços cruzados, esperando algo mudar. Será que hoje em dia (pela influência do funk) algum adolescente assiste a um filme de boa qualidade (Sociedade dos Poetas Mortos), ..."

Parece que no caso dessa adolescente, a escolha e análise do tipo de música se dá pela valorização do terceiro aspecto: o olhar externo - evidencia as ligações das construções sociais e históricas em que está inserida como sujeito. Penso que a escola, como organismo social, tenha lhe impregnado uma visão social, e a família, com seus valores e suas construções, tenha lhe induzido pelo discurso do *belo* e do *intelectual*. Assim, a adolescente aprende a conviver com esses valores, que agora passam a ser repetidos, reproduzidos, embora nem sempre sejam verdadeiramente *seus*; o emprego, o uso e o gosto por algo que foi uma construção natural nos seus valores e construções culturais na sua vida. Vejamos:

*"... E há tempos nem os santos têm ao certo
a medida da maldade
há tempos são os jovens que adoecem
há tempos o encanto está ausente*

*e há ferrugem nos sorrisos
e só o acaso estende os braços
a quem procura abrigo e proteção...”
(Legião Urbana, "Há tempos")*

A letra da música, em si mesma, já revela uma influência no comportamento lingüístico do adolescente, pois em frases como: "**Há tempos são os jovens que adoecem**", "**E só o acaso estende os braços**", "**A quem procura abrigo e proteção...**", o adolescente está doente, e este "está doente" parece referir-se ao estado psicológico do adolescente, ele está no anonimato, ninguém o ouve, ninguém lhe dá atenção, ninguém escuta sua voz; só o acaso estende os braços, papel que deveria ser exercido pelo adulto, o qual tem seus valores constituídos ao longo da infância e da adolescência, já experimentou situações adversas, sabe o que dá certo e o que não dá; o adolescente procura abrigo e proteção, certamente porque alguém o deixou desprotegido, sozinho. Todas estas afirmações, feitas por adultos e aceitas pelos adolescentes. Quem é rebelde/agressivo? O adolescente está ou não está sendo obediente ao discurso do adulto? Quem é o adulto que está ditando as regras da música moderna? E, deve-se notar, a essa música são invariavelmente acrescentados traços como o ritmo (melodia veloz, para retratar a evolução de um mundo pós-moderno capaz de provocar encantamento diante do novo), a prosódia (entonação de voz valorizada nas palavras e expressões que contêm maior carga de significação do texto), o estilo de fala e a gíria (valorização da variedade lingüística dos grandes centros urbanos como sendo a moderna, atual, correta e bonita) conceitos ensinados e convenções sociais (cidade grande, pressa, muito trabalho, movimento, pouco diálogo, ocasionando a falta de tempo para a construção de valores familiares), as crenças individuais e representações singulares (constituídas pelo pensamento, na forma como este tem ocupado o pensamento e pelas atividades desenvolvidas nos espaços de tempo do *não-fazer-nada*), a estilística de ação – resultado (fruto do conjunto dos itens anteriores que irão determinar a apreensão do estado de coisas que fazem parte desse cenário individual). Tudo isso resulta um padrão. A pergunta que fica a ser respondida é: por que e a quem interessa esse padrão, já que, certamente, ele não é resultado fortuito da evolução do homem?

Todavia – e justamente pelo que já comentamos até aqui - é interessante observar que as músicas que os adolescentes escolhem para ouvir são compostas e cantadas por *adultos* (Charlie Brown Jr., Gabriel Pensador, Renato Russo, Raimundos ...) e não pelos próprios adolescentes. Sandy e Júnior não compõem e não cantam essas músicas, assim como não o faz Vanessa Camargo, KLB e outros cantores adolescentes que adotam inelutavelmente o padrão "menininho(a) apaixonado(a)". E os adolescentes sabem que essas letras são dos adultos, mas mesmo assim acabam aceitando-as como "manifestos da adolescência". Por quais mecanismos eles aceitam essas letras, essas músicas?

As razões são as mais diversas. Pode-se alegar que há quem ouça na tentativa de gostar e não se sentir fora do grupo social. Também, que outros escolhem a música porque é a única maneira de protestarem: não se sentindo capazes de usar a própria voz, fazem dos cantores seus representantes. Ser fã de um grupo, um cantor, um estilo é uma autorização, uma procuração para que fale, reclame, agrida, se declare em seu nome. É o que posso perceber nos trechos das músicas citadas anteriormente, os seus significados não devem ser esclarecidos ou determinados somente pelo enunciado em si mesmo.

Pode-se, ainda, remeter ao padrão *adolescente moderno* de fala e comportamento, sempre implacável, que a todos os que se deixam, assola: há os traços pertinentes que já citamos, organizados e consolidados numa construção verbal. E, para fazer a associação desses traços ao enunciado o adolescente é perspicaz. As coisas e os fatos no mundo mudam muito rapidamente, a velocidade nos meios de comunicação e transporte juntamente com as evoluções (fisiológicas? psicológicas? históricas? sociais? culturais?) por que passa o adolescente pós-moderno permite a ele adaptar-se com facilidade às coisas fugidias, efêmeras, passageiras. Entre elas a linguagem, que acompanha as novas criações, invenções, descobertas e etc. O que talvez se torne difícil para o adulto, uma vez que a tendência natural do ser humano é concretizar, ao longo dos anos, um conjunto mais ou menos definido, de traços culturais que definam suas características individuais. Certamente esses traços vão se transformando no tempo e no espaço e se permitindo acréscimos, subtrações, empréstimos e outros.

Mas, é bom lembrar que esse adulto guarda o que ficou de mais consistente *da sua infância*. E por isso quer preservar. Mas, então, se a infância e a adolescência são os padrões para a vida adulta: por assimilação ou por refutação, por que os adultos têm comportamentos tão díspares dos adolescentes? Ou, a seu modo, esse comportamento não é assim tão diferente? Portanto, como é possível compreender o conflito de gerações?! Isso fica ainda mais complexo se considerarmos que, na infância, o domínio é dos pais, os quais constroem seus valores nos filhos, valores baseados na infância e na adolescência. É necessário voltar à pergunta anterior: onde fica o conflito de gerações? Penso que uma boa resposta é que fica na concepção de valores dos adultos que compõem e cantam essas músicas, os quais têm interesses mais do que o de simplesmente usar a música como forma artística de encantamento, entretenimento, beleza e cultura, senão como forma de usá-la para objetivos pessoais, por exemplo, público de fácil acesso de vendagem de seus produtos. Nesse processo de interação verbal há um percurso da fala social à fala individual. Uma influência das palavras do outro que possibilita as construções individuais, e, ao se apoderar da palavra do outro o sujeito considera suas aquelas construções. Mas, há ainda outras perguntas a fazer, antes que se possa dar uma resposta mais consistente: por que a sociedade adulta permite isso? Não seria a construção de um padrão *adolescente moderno* agressivo e arrogante um alibi perfeito para uma geração que abandonou a educação de seus filhos para ganhar dinheiro (sem proceder aqui juízo de valor quanto a esse ganhar dinheiro)? Esses adolescentes gostam desse padrão comportamental e de fala? Se gostam, porque passam por incessantes crises emocionais a ele vinculadas? O fisiológico seria capaz de explicar toda essa parafernália comportamental? Parece claro que não podemos responder a todas essas perguntas em um simples artigo preliminar. Essa é uma tarefa a que nos propomos na continuidade de nossas pesquisas, mas que deve ficar, aqui registrada.

Essa tarefa, que parece ser a de formar um conflito entre gerações e suas conseqüentes resoluções, pertence aos adolescentes e aos não-adolescentes, estando os não-adolescentes numa situação de oposição àquilo que já se definiu como *o status quo que interessa*. Tarefa importante para a continuidade cultural, assim também como é importante a tarefa de gerações ulteriores a de preservar e querer manter uma linguagem também ulterior, como forma de perpetuar a história de gerações precedentes e o início da história das próprias gerações atuais, isto é, mais do que isso, uma tentativa de

preservar os valores em que a atual geração adulta acreditou(a) – ou valores existenciais que pensa ser os mais importantes e que, por isso, quer passar adiante. As gerações resistem em aceitar as variedades uma da outra; em ambos os casos não se encontram todos os traços que expliquem e satisfaçam a necessidade de comunicação e expressão de cada uma delas. O que, talvez, justifique chamar esse fato de conflito que divide gerações. São papéis que cada um deve desempenhar, sem, no entanto, desconsiderar a importância do papel social do outro no processo da interação verbal, já que toda (inter)ação dentro do sistema da língua é permitido pela própria língua; o falante já sabe o que pode e o que não pode dentro do sistema lingüístico. O que importa aqui, porém, é descobrir o grau de espontaneidade – ou ao contrário, de premeditação – desse processo conflituoso.

Afinal, quais são mesmo os motivos usados pelos jovens para a aceitação e adoção das letras das músicas atuais como determinantes de uma variedade lingüística aceitável nas suas significações, e eficiente nas suas funções sociais?

Considerando as análises anteriores; as músicas *agressivas* são compostas e cantadas por adultos e não pelos próprios adolescentes. E quem são os adolescentes que aceitam esse tipo de música? E por que o fazem? Penso que precisamos admitir que essa linguagem não é do próprio adolescente, mas do adulto (rebelde), que evidentemente não tem como objetivo principal o cuidado e o zelo com a *manutenção* e a *perpetuação*, como diz Ferrarezi:

"Quando uma criança ou um adulto vêem alguma relação com sua manutenção ou sua reprodução em qualquer atividade que seja, auto-impor-se-ão essa ação. Assim é que comemos, dormimos, nos mexemos, conversamos, etc., considerando essas ações naturais e necessárias, porque nelas enxergamos utilidade para nossa manutenção e para nossa reprodução. Quando um ser humano enxerga nitidamente essa utilidade, ele fará dessas atividades consideradas necessárias, possivelmente, atividades prazerosas. O prazer em qualquer atividade nasce da auto-imposição do organismo para tal atividade. Mas quando, por qualquer razão, o ser humano perde seu equilíbrio e deixa de ver utilidade nas ações que normalmente lhe seriam naturais, então ele passa a desrespeitar os princípios naturais da manutenção e da reprodução; deixa, então, de comer, de dormir, de exercitar-se, enfim, passa a um estágio que pode ser considerado doentio, porque desrespeitoso à natureza dos organismos vivos". (Ferrarezi, 2000. p.143)

Essa manutenção e perpetuação, no que se refere à linguagem, é função social típica e determinante da escola e do mundo adulto, os quais não podem perder de vista os seus referenciais consistentes e seguros. A criança, o adolescente, o jovem são quem realmente são nos seus espaços e tempos, desempenham seus papéis sociais como tais, nas formas e modelos como se lhes apresentam. E, parece, no mundo natural é aos pais que os filhotes devem respeito e obediência. Não seria de perguntar se estes pais é que não estão mais sabendo quais são seus papéis, assim como a escola, que por sua vez, renega as posturas educacionais que fizeram tantos sábios no passado, e trocam – em nome de sabe lá o quê – pelas tendências modernas e inconsistentes. Isso não é saudosismo. Trata-se de uma indagação bastante séria: as chamadas novas tendências educacionais educam ou conspiram contra a estrutura social?

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. (1999) O Quarto do Mistério. São Paulo. Papirus

BÍBLIA SAGRADA (1999). *Prov. 3:1-4*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

BAKHTIN, Mikhail (1990). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. Traduzido por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 5 ed. São Paulo: Hucitec.

FERRAREZI Jr., Celso (2000). Discutindo Linguagem com Professores de Português. **São Paulo. Terceira Margem.**

_____(1997). A Hipótese da Interinfluência entre Pensamento, Cultura e Linguagem. **Guajará-Mirim: WPAL/UNIR.**

FREGE, Gottlob (1990). **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Cultrix.

GARCEZ , Lucília Helena do Carmo. (1998). A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto. **Brasília- DF . UnB.**

VANOYE, Francis.(1998). Usos da Linguagem: Problemas e técnicas na produção oral e escrita. **São Paulo. Martins Fontes.**

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Explode, língua,
que o coração não é
inteligente o bastante
para se matar.*

CARLOS MOREIRA